pela gola...

~~Vintém~~ O fragmento do quadro [illegible]. pod

anterior

..... Diz que subiu, e apenas [illegible] 800 réis, deu à

mãe o menino da volta da rua onde fora comprar o

pão de kilo. A mãe atrapalhou.

— 800 réis! que ladrão! Onde [illegible] era bom [illegible] tem

de comer a fome, os pequenos? A [illegible] [illegible], o [illegible].

[illegible] [illegible] de [illegible], um [illegible] a criança [illegible] [illegible]

[illegible] a [illegible] Deus, que [illegible] do [illegible]

8 filhos, todos [illegible]. O mais velho era aquele

de 7 anos, tão menino, magro, [illegible] dado o braço a

todos os pequenos. ~~[illegible]~~ Na rua passava [illegible] a

[illegible], e [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] as crianças gritos

amontoados lá.

— É [illegible] a [illegible], [illegible].

Para ele, e seu [illegible], o quintal era campo.

[illegible] — o pão [illegible], e às [illegible]. Não [illegible]. O

pai, numa fábrica de tecidos, trabalha das 6 às 6. [illegible]

[illegible], e bebia para [illegible]. A mãe até [illegible]

[illegible] [illegible]. Era a [illegible] a [illegible], quando a criança

[illegible]. De dia [illegible] [illegible] a casa. A [illegible], a

[illegible] sem fim. [illegible], a [illegible]. Mas que ele desse

os 28 anos [illegible] [illegible] — 28 anos: impossível. Aquele homem

tem 50. De fato. Tinha 50. [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

[illegible] [illegible] [illegible]. O [illegible] da realidade. O dia do [illegible] [illegible]

[illegible] [illegible], [illegible] do dia [illegible]. ~~[illegible]~~ Enquanto o [illegible] [illegible]

Joãosinho pegou na peneira de Tia Joaquina
e foi mariscar no ribeirão ~~que corria~~ do
pasto. Arregaçou a calça um palmo acima do
joelho e entrou na agua. A sua irmãsinha
Nênê foi com elle, levando uma lata para
~~trazer~~ pôr os peixes. O ribeirão era raso, de
~~onde brincavam quantidades de guarús~~
aguas muito clara. Viam-se no fundo a areia
alva e as pedrinhas redondas. ~~Os~~ Guarús
em quantidade nadavam de todos os lados,
e quando cahia nagua algum bichinho ~~ou~~
cisquinho corriam todos para ver o ~~que~~ se era
~~E se~~ alguma coisa de comer. Camarão não
se via nenhum. Elles andam sempre escondidos
nos capins da beira, e como são transpa-
rentes é difficil enxergal-os. Joãosinho entrou
na agua e ~~enfiou~~ mergulhou a peneira, ~~mas~~ ~~nada~~
Não sahiu ~~nada~~ nenhum peixe. Só um baratão e mais
um bicho feio cheio de pernas esquisitas. Jogou
para o capim a barata e mergulhou a
peneira noutro lugar. Agora sim, sahiu uma
porção de guarusinhos e um camarão dos
miudos. Os guarús começaram a saltar na
peneira e o camarão tambem, e este, de repente
pulou fora da peneira. Nênê ~~estava afflicta e~~
pulava de contenteza
— Ponha aqui, João, ~~esse~~ maiorsinhos e solte os
outros para crescerem. ~~Joãosinho~~ aproveitou os tres maiores

[illegible]

Talhados e botou-os na lata, onde elle começa a pular mais ainda.
— Ponha agua na lata, disse Joãozinho, senão elles saltam fora. Nênê encheu a lata pelo meio, ~~a lata d'agua~~, e os guarús pusinhos socegaram. Continuou a pescaria. Cada vez que a peneira afundava na agua, quando sahia vinha com mais peixinhos, mas sempre guarús e lá um ou outro camarão. De repente,
— Uma trahira! gritou Joãozinho jogando a peneira com o peixe na gramma.
— Que bruto! gritou Nenê pulando de alegria — este valeu a pena. ~~E'~~ E ia pegando a trahira que tinha quasi um palmo de tamanho quando o menino berrou
— Olha-bola! ~~Olh~~ Não vê que isso morde? Nênê encolheu a mão e recuou um passo, emquanto o irmão sahia dagua para segurar o peixão. Com muita cuidado e depois de muito custo porque era m.to liso, João ~~pegou~~ conseguiu segurar a bicha pela cauda e deital-a na lata, onde elle ~~confusão~~ fez um reboliço espantando os pobres guarús. E ficaram os dois ~~a olhar pa~~ de cocaras, a admirar no fundo da lata, a bella pescaria
— Já dá para uma fritada, disse Nênê

— Qual o que! Não chega nem para a cova de um dente, retrucou J. que era m.^to guloso. E continuou na pesca de novo. Pegou mais guarús em quantidade, e continuou pondo na lata só os barrigudos e soltando os pequenos. Camarões tambem apanhou uma duzia e mais uma mocinha e tres lambaris novos e um cascu-dinho.

— Agora chega, disse Nenê, que já estava sendo incommodada pelo sol quente. Vamos embora para dar tempo de fritar a peixada para o almoço.

— Espere um pouco, respondeu J., ali adiante tem um poço onde mora um camarão destacado, aquelle que me escapou outro dia. ~~Hoje Espe~~ Hoje eu pego o ladrão. Foi para lá, metteu a peneira de mansinho, bem fundo e tirou-a de repente.

— Pegou! gritou Nenê vendo pinotear na peneira um bita camarão, cascudo e preto, João radiante ~~pop~~ atirou com elle para a grama exclamando: — Esse é o rei de todos! Está bom de comer recheiado. Sahiu d'agua, e voltaram para a casa. Lá repartiu a peixe e emquanto J. elle mesmo fazia dos seus um fritada, Nenê poz os seus num bacia d'agua ~~[illegible]~~ e ficou muito attenta a olhar os pobresinhos. Como estavam m.^to calor Nenê cochilou. E estava dorme ~~não~~ dorme. quando viu

saiu da bacia o camarão grande, de corôa de
rei na cabeça, um manto de cauda e um
sceptro de ouro na mão. Atras delle, segurando
a cauda do manto vinham dois cascudos. Mais
atraz todos os guarús, montados a cavallo nos barbados
dagua. Formavam um cortejo. Nenê não teve
medo nenhum. Olhou para si e viu que ella tambem
virara numa linda camarôa e que todas as
pessoas da sua casa eram tambem camarões.
O rei Camarão approximou-se com muita cerimonia, e
chegando perto della tirou a corôa e disse.
— Illustrissima, Excellentissima ~~Da~~ ~~Sra~~ Princeza dos
Ribeiras. Eu sou o rei da Camaronia, me
chamo D. Cascudo I, e venho pedir a princeza
em casamento.
— Pois não, meu caro rei, estou ás ordens de
V. Magestade. Deu um salto e cahiu nos braços
do rei. O cortejo então voltou e dirigiu-se para
a igreja. A igreja era uma moita de guaxuma
á beira do rio. Estava enfeitada de florzinhas do matto
e o chão coberto de areia do rio. Um altar de pedrinhas
dagua e na frente do altar um barata de batina
com uma pedrinha redonda e chata na cabeça. Guapuri
de corôa. Ao lado do padre um filhote de guarú
servia de coroinha. Em cima no coro da igreja, havia
uma orchestra de grillos, dirigida por uma Cigarra

E de um lado o povo, os grandes na frente – sapos, trahiras, lambaris, cascudos etc, e o arraia miuda atraz – barrigudinhos, aranhas d'agua, larvas, minhocas etc.
Começou o casamento. Disse o padre em latim
— Em nome de Deus conjugo vobis. Está casado S.M. o Rei Camarão, com a princeza do Ribeirão. Podem ir embora.
O Rei e a nova rainha sahiram da igreja, muito importantes da vida, e foram para o palacio imperial. O palacio era no fundo da poça, debaixo duma grande pedra. O rei entrou na poça com toda a comitiva numa grande chapa e a vez da Rainha, esta sentiu uma grande afflicção como se estivesse morrendo afogada, e abriu os olhos.. Tudo sumiu, o rei voltou para a bacia d'agua virado em simples camarão, os outros peixes a mesma coisa, e Nini, olhando para si viu que tinha perdido a forma de camarão. Ficou triste um pouco. Nem bem acabou estava assim quando entrou no quarto o J. [illegible] um bolo de peixe
— Boba, enquanto você namora os peixinhos eu como os meus. Nini ficou com inveja, apanhou o rei, [illegible] grades, e no [illegible] o [illegible] para o [illegible] para a cozinha. Dali a instantes a corte inteira chiava na frigideira.